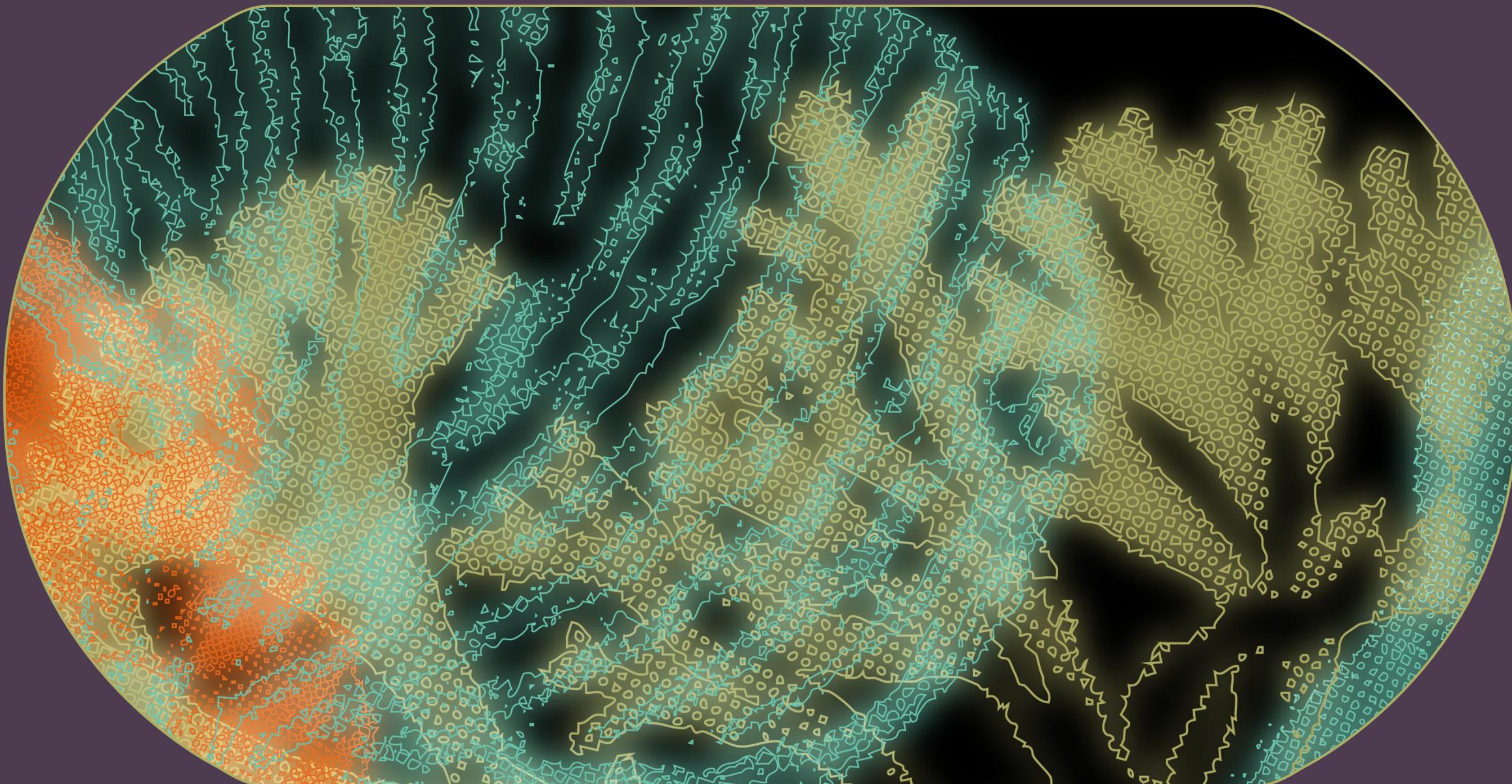
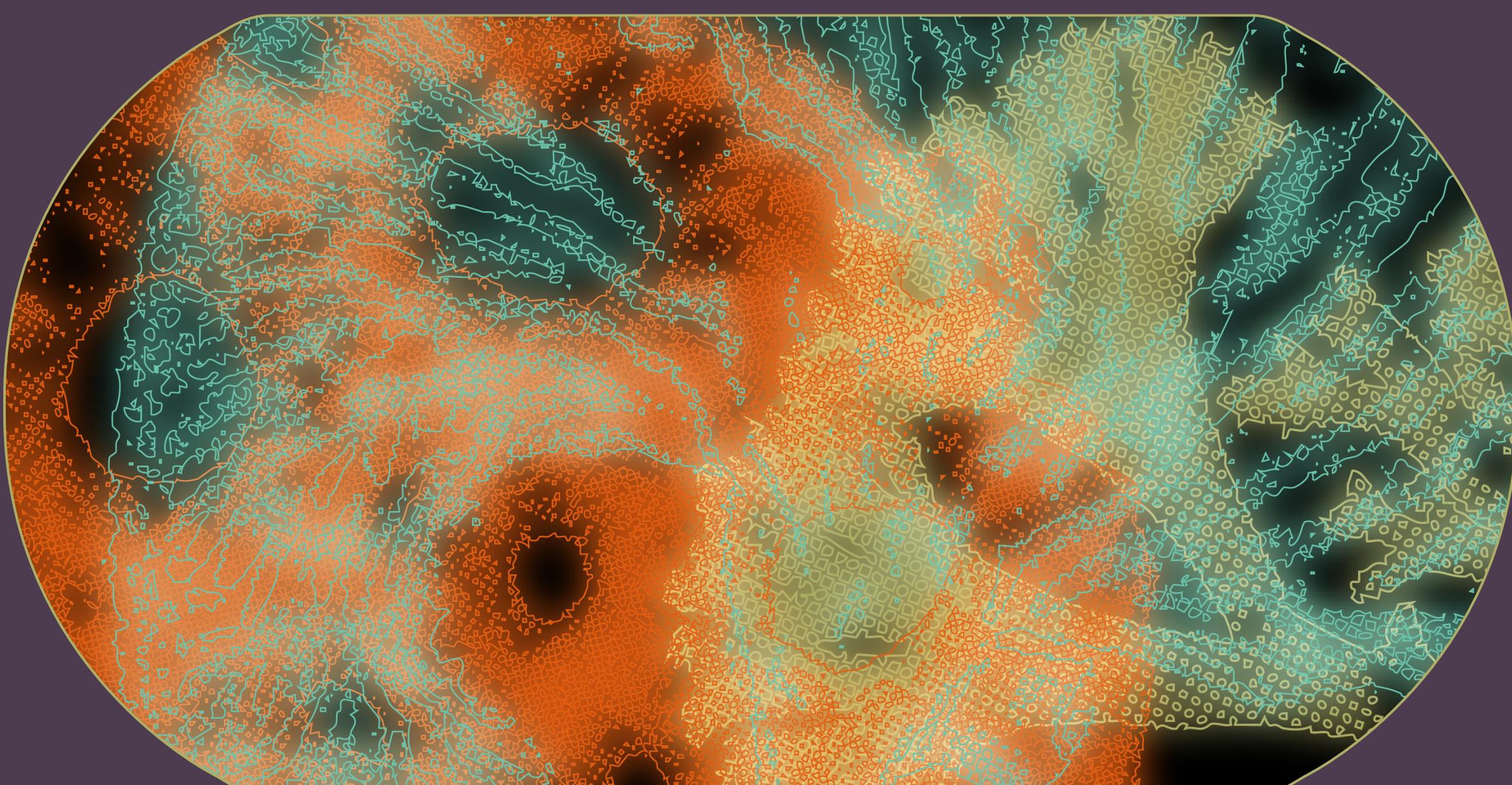


TEXTOS NA ÍNTegra EM PORTUGUÊS



OCEANO
OCEANO
OCEANO

O MUNDO É UM ARQUIPÉLAGO



O MUNDO É UM ARQUIPÉLAGO

Um arquipélago é onde interdependência e diferença coexistem. As ilhas de um arquipélago devem “unir litorais e aproximar horizontes”, como dizia Édouard Glissant (1928–2011). Para o filósofo e professor da Martinica, o arquipélago é uma expressão de globalidade: o todo que produz diferenças capazes de dar origem ao novo em oposição à globalização, que padroniza e dilui. Se a terra está enraizada na água, como propôs Heráclito, o oceano é um só, no singular. As terras e nós (afinal, somos húmus – *Homo*) somos arquipélagos enraizados nesse mar. O oceano é o nó líquido que ata as partes. A utopia é justamente a busca pela realização dessa unidade plural.

Contudo, agimos na modernidade como se fôssemos ilhas absolutas, autônomas, seja individualmente, seja nos nossos continentes. “Não será nos isolando que combateremos a homogeneidade da globalização”, afirmava Glissant. Esse modo de vida desconectado da interdependência do mundo nos conduz a um estado de policrise (mudanças climáticas, perda de biodiversidade e guerras), cuja consequência inevitável é o naufrágio: uma ruptura que impõe transformações individuais e coletivas que levam ao surgimento de um novo estado de ser. O que emerge após o naufrágio é uma fértil combinação entre o vivo e o morto.

Nós, seres humanos, temos no corpo, mente e espírito as marcas do oceano: evolutivas, ecológicas, culturais e históricas. Nossa espécie tem um histórico de atenção e intimidade com o mar, que sempre proporcionou alimento, transporte e cultura. A ciência moderna ampliou muito nossa capacidade lógica e racional de antecipar cenários futuros, mas, ainda assim, mesmo diante das piores projeções, a sociedade moderna não sente o risco e hesita em mudar

seus hábitos que poluem e degradam. Logo, dados e fatos sobre o estado do oceano não bastam para inspirar mudança. Precisamos sentir, e a fonte destes sentimentos são nossos “oceanos internos”.

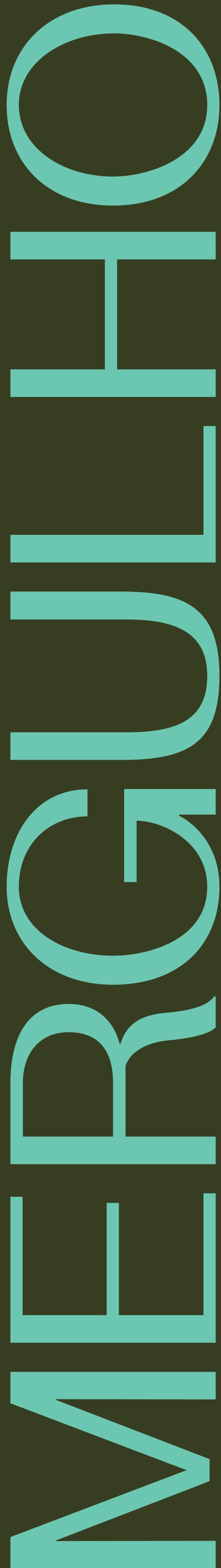
Seriam essas “atitudes” oceânicas voluntárias? E se o oceano for capaz de agir? Agir pressupõe escolher e discernir, que é justo o que define inteligência. Seria o oceano inteligente? Tal qual tudo que é vivo, o oceano possui memória, atenção e antecipação: é a memória da origem da vida e dos mitos, é atento e reage às interferências da ação humana e antecipa futuros pós-naufrágio.

A exposição se ergue em torno dos eixos memória, atenção e antecipação, propondo um diálogo entre a inteligência humana e a inteligência oceânica. Como explica Clarice Lispector, somos “seres concomitantes”, reunimos em nós o passado, o presente e o futuro. Assim, a intenção não é tratar os temas de forma linear, mas sim meândrica, espiralar. Isso é feito combinando leituras e interpretações da ciência moderna com narrativas ancestrais de origem, usando arte

e tecnologia. A expectativa é de restaurar a nossa relação com o oceano, relembrando que viemos dele, somos feitos dele, e que precisamos navegá-lo para dar origem a novos amanhãs. Assim, a exposição, mais que ensinar, nos faz sentir intimidade, respeito e familiaridade pelo oceano.

Fabio Scarano

Curador do Museu do Amanhã



NOSSO PLANETA AZUL UM DIA JÁ FOI VERDE

O oceano antecede tudo o que chamamos vida. Quando a Terra ainda era jovem, entre 4,3 e 3,8 bilhões de anos atrás, formou-se nele a primeira condição para a vida: a água. Foi nesse corpo fluido e profundo que surgiram os organismos capazes de transformar luz em energia química, as cianobactérias: seres quase invisíveis, que através da fotossíntese, iniciaram um processo de oxigenação que redesenhou o planeta. O oceano, antes verde, tornou-se azul. O ar que hoje respiramos se compôs. O planeta pôde respirar.

Leandro Lima
São Paulo, SP, 1976

Mergulho, 2025
Instalação Multimídia



INTELIGÊNCIAS OCEÂNICAS

A vida pulsa no oceano. As águas do planeta abrigam uma diversidade de seres, cujas dimensões vão do microscópico ao maior animal que já existiu. A ciência estima que existam mais de 2 milhões de espécies marinhas, mas apenas 10% são conhecidas. O oceano e seus habitantes ainda são um grande mistério para a humanidade.

Toda essa vida existe de maneira interdependente, e cada espécie cumpre diversas funções essenciais para o planeta: algumas filtram água, outras armazenam carbono, há ainda as que sustentam cadeias alimentares ou produzem oxigênio. Tal como tudo que é vivo, o oceano manifesta inteligência: a capacidade de discernir, de fazer escolhas e de se adaptar ao longo do tempo.

Contudo, essa diversidade marinha está em constante ameaça por conta da ação humana. De que modo os seres marinhos nos instigam a pensar sobre nossa própria inteligência e sobre como aprender a cuidar melhor do planeta?

VOCÊ SABIA?

CORPO D'ÁGUA

Assim como a superfície da Terra é composta de 70% de oceano e 30% de continente, o corpo do ser humano, em algumas fases da vida, tem cerca de 70% de água e 30% de carbono. Os bebês nascem com aproximadamente 78% de água, na fase adulta esse percentual cai para cerca de 60% a 55%.

O tamanho dos organismos no oceano varia desde o menor vírus até o maior animal que já habitou a Terra: a baleia azul.

Estima-se que entre 50 e 80% de toda a vida da Terra se encontra sob a superfície do oceano.

O INVISÍVEL QUE NOS MANTÊM VIVOS

O maior grupo de seres do oceano é, em sua grande maioria, invisível aos nossos olhos, mas sua importância é imensa: eles são base da cadeia alimentar dos seres marinhos.

A comunidade do plâncton é composta por uma imensa diversidade de organismos que vivem à deriva. Eles se dividem em duas categorias: o fitoplâncton, responsável pela produção de cerca de 50% do oxigênio do planeta e manutenção das temperaturas globais adequadas à vida como a conhecemos; e o zooplâncton, grupo composto por pequenos crustáceos e larvas de incontáveis animais marinhos.

OS GUARDIÕES DA MEMÓRIA

Esta é uma janela para seres antigos, testemunhas de épocas remotas que só conhecemos pelos livros. Nas regiões mais profundas do oceano, onde a luz do sol nunca chega e a pressão é esmagadora, vivem criaturas que carregam em seus corpos a memória do tempo, seres fantásticos que resistem ao frio extremo e a condições que desafiam a lógica da vida humana.

VOCÊ SABIA?

MIGRAÇÃO VERTICAL DIÁRIA

Todos os dias, trilhões de seres do zooplâncton realizam o maior deslocamento sincronizado de organismos vivos da Terra.

À noite sobem das profundezas para se alimentar. Ao amanhecer, mergulham de volta, para escapar de predadores. Essa jornada invisível é fundamental para a regulação do clima, pois transporta o carbono absorvido da superfície para o fundo do mar.

VOCÊ SABIA?

MARÉS DE LUZ

Alguns organismos planctônicos têm a capacidade de brilhar no escuro. Quando estão em grande quantidade e são agitados pelo movimento das ondas, de barcos ou pessoas nadando, eles produzem um espetáculo de bioluminescência, transformando a arrebentação das ondas em marés de luz azuladas ou esverdeadas.

VOCÊ SABIA?

TUBARÃO ANCIÃO

O tubarão-da-Groenlândia é o tubarão mais velho do mundo. Essa espécie pode viver mais de quatro séculos. Um único indivíduo que tenha nascido na época da chegada dos portugueses ao Brasil pode estar nadando pelos oceanos até hoje.

AS USUÁRIAS DE URTIGA

Sem ossos e sem cérebro, as águas-vivas são conhecidas pela sensação de queimadura na pele. Pertencem ao grupo dos cnidários, que significa “usuários de urtiga”: uma referência às células nos seus tentáculos que disparam microdardos invisíveis com venenos poderosos.

VOCÊ SABIA?

O SEGREDO DA JUVENTUDE

A chamada “água-viva imortal” (*Turritopsis dohrnii*) possui um truque extraordinário: pode rejuvenescer! Quando sofre dano físico ou enfrenta estresse ambiental, suas células adultas retornam a um estágio juvenil e reiniciam seu ciclo de vida. Não é imortalidade absoluta, já que predadores e ferimentos ainda podem matá-la, mas é um notável mecanismo de sobrevivência.

A POTÊNCIA DA COLETIVIDADE

O cardume é uma das demonstrações de inteligência coletiva da natureza. Sem um líder, cada peixe age com atenção ao grupo e ao ambiente. Com tantos olhos atentos, o perigo é percebido quase instantaneamente, permitindo manobras de fuga que confundem os predadores. O nado em conjunto é exemplo de eficiência, já que cada peixe gasta menos energia para se mover nessa formação.

O cardume nos traz três lições: quando nos movemos juntos nos desgastamos menos, ampliamos nossas chances de sobrevivência e descobrimos modos de existir que nenhum ser alcançaria sozinho.

A INTELIGÊNCIA DA PELE

Polvos são cefalópodes (que significa, literalmente, “cabeça-pés”), e a genialidade desses seres se estende por todo seu corpo. Cada tentáculo pode explorar, provar e “decidir” o que fazer por conta própria. Eles são mestres da camuflagem: em menos de um segundo, conseguem mudar de cor e até de textura, graças a células especiais na pele que funcionam como “pixels vivos”.

E sabe o que é ainda mais extraordinário? Polvos não enxergam cor. Estudos mostram que eles só distinguem, através dos olhos, luz e sombra. A ciência acredita que células na sua pele sentem o comprimento das ondas de luz e assim conseguem reproduzir as cores.

VOCÊ SABIA?

TRÊS CORAÇÕES

Em vez de um, os polvos têm três corações? Sim. Dois bombeiam sangue para as guelras para receber o oxigênio da respiração, e o terceiro envia o sangue oxigenado para o resto do corpo. Porém, esse terceiro coração simplesmente para de bater quando eles nadam, por isso os polvos preferem viver no fundo do mar e “caminhar” pelo chão.

ISSO NÃO É UMA BALEIA

Na verdade, isso é uma orca (*Orcinus orca*).

Esse esqueleto é de um adulto macho, com 6,33 m de comprimento e 2,64 m de largura, encontrado no litoral do Ceará.

Mas como assim as orcas não são baleias?

Essa é uma confusão comum.

Orcas pertencem à família dos golfinhos (*Delphinidae*), sendo a maior espécie de golfinho que existe.

Então, qual é a diferença?

Orca (*Orcinus orca*)

Esqueleto de macho adulto
comprimento: 6,33 m
largura: 2,64 m
altura: 1,18 m

O animal foi encontrado na Praia da Tabuba, em Caucaia, Ceará, em 1999. O esqueleto foi recuperado pela equipe da ONG Aquasis e preparado e montado pela Amâncio Osteomontagem, em parceria com o Museu Nacional e o Museu do Amanhã.

A diferença é que todos eles – baleias, orcas, golfinhos, boto, belugas e cachalotes – fazem parte do grupo dos grandes mamíferos marinhos, os cetáceos. Esse grupo se divide em duas linhagens: a dos odontocetos e a dos misticetos.

Os odontocetos são animais caçadores e possuem dentes, que são úteis para agarrar presas, como peixes e lulas, em águas muito (muito!) profundas e sem nenhuma luz.

Já os misticetos são as verdadeiras baleias. Em vez de dentes, elas têm barbatanas na boca, que se parecem com escovas, feitas de queratina (a mesma proteína que forma as nossas unhas e cabelos). Abrindo suas bocas enormes, as baleias filtram quantidades gigantescas de água e retêm nessas “escovas” o principal alimento: o plâncton que vive perto da superfície.

Agora ficou claro? Orcas são caçadoras com dentes e primas dos golfinhos. Baleias são gigantes que filtram a água através de barbatanas para comer.

VOCÊ SABIA?

AS BALEIAS VIERAM DA TERRA

Há cinquenta milhões de anos, um pequeno animal parecido com um lobo (chamado *indohyus*) começou a se adaptar à vida na água, provavelmente para fugir de predadores. Ao longo de milhões de anos, seu corpo se adaptou. Isso deu origem ao dorudon, o “tatataravô” dos cetáceos, como as baleias, orcas e golfinhos de hoje.

VOCÊ SABIA?

A QUEDA DA BALEIA

Quando uma baleia em alto mar sente que sua longa jornada (cerca de oitenta anos) chegou ao fim, ela enche os pulmões de ar e inicia um último mergulho rumo ao oceano profundo. A pressão do mar comprime seu corpo e ela não consegue mais voltar à superfície. Nas profundezas, sua carcaça se transforma em uma base fértil para um novo ecossistema, que alimenta e abriga centenas de outras espécies de animais.

ORCAS: NEM BALEIAS, NEM ASSASSINAS

Além das orcas não serem baleias, também não são assassinas. Sua fama de “baleia assassina” nasceu de uma tradução infeliz. Antigos marinheiros bascos, ao vê-las caçando em grupo, as apelidaram de “*whales killer*” (assassinas de baleias), mas com o tempo a tradução mudou para “baleia assassina”.

É bem verdade que elas são caçadoras extraordinárias, mas até hoje não foi registrado nenhum ataque fatal de orcas contra humanos em ambiente livre. A fama de assassina tem mais a ver com a habilidade de cooperação em caça e com sua inteligência social.

A CULTURA DO Matriarcado das Orcas

Orcas são cosmopolitas, isto é, habitam e circulam por todas as bacias oceânicas do planeta. Se organizam em grupos familiares liderados pela fêmea mais velha, as matriarcas: assim diferentes grupos se especializam na caça de presas específicas, desenvolvem e transmitem suas próprias técnicas.

As matriarcas são a chave para o futuro do grupo, uma vez que são fundamentais para a sobrevivência dos filhotes e para a transmissão de conhecimento cultural: rotas de migração, técnicas de caça e padrões de comunicação. Estudos no Oceano Pacífico mostraram que jovens com avós têm maior probabilidade de sobreviver e que a morte de uma avó aumenta drasticamente o risco de morte do filhote nos dois anos seguintes. Elas são as guardiãs de uma inteligência essencial para a sobrevivência da espécie.

01

Leandro Joaquim (atribuído)
Rio de Janeiro, RJ, 1738–1798

**Pesca de Baleia na Baía
de Guanabara, 1750 – 1798**
Óleo sobre tela
Acervo do Museu Histórico Nacional / IBRAM

DO ARPÃO À PRESERVAÇÃO

No Brasil, a partir de 1602, teve início um período de mais de trezentos anos de caça às baleias. O óleo extraído desses gigantes marinhos foi um recurso econômico predominante (comparado ao petróleo hoje) usado na iluminação pública e como argamassa para construções. No século 20, a exploração se tornou um massacre industrial que levou populações inteiras à beira da extinção.

No mundo, as baleias-azuis caíram de 150 mil para cerca de 15 mil. No Oceano Atlântico Sul, a população de baleias-francas, que era de quase 60 mil, foi reduzida a menos de 2 mil indivíduos.

A criação da lei, em 1987, fruto de intensa campanha de ativistas ambientais, foi fundamental para reverter esse cenário. A população de baleias-jubarte, que chegou a ter apenas quinhentos indivíduos na costa brasileira, hoje é estimada em mais de 25 mil.

As baleias nos deram uma lição sobre respeito ambiental: quando os humanos param de tratar a natureza como recurso a ser extraído, a vida se regenera.

“Fica proibida a pesca, ou qualquer forma de molestamento intencional, de toda espécie de cetáceo nas águas jurisdicionais brasileiras.”
– Artigo 1º, Lei Federal nº 7.643, de 1987.

Trechos do documentário

**Baleia a óleo: A caça de baleias
no Rio de Janeiro colonial**

Direção de Lízia Palombini
Fotografias de Tuna Mayer
Arte de Julia Lima

Documentário originalmente exibido pelo Canal Futura
no programa Sala de Espera, em 2016

Duração: 5'48"

JORNADA DOS GIGANTES

As baleias são os maiores animais que já viveram na Terra! A baleia-azul até hoje detém o título de maior animal do planeta, podendo chegar a trinta metros de comprimento, e a jubarte é famosa por seus cantos, que podem durar de sete a trinta minutos. Para se manterem conectadas através de longas distâncias, produzem sons de longa duração, capazes de viajar por uma distância superior a 2.500 km no oceano.

O tamanho gigante desses seres se desenvolveu ao longo de milhões de anos, o motivo: o oceano é extremamente rico em alimento, mas esses nutrientes encontram-se espalhados por regiões muito distantes umas das outras. Um corpo gigante funciona como um imenso tanque de combustível, essencial para quem precisa viajar longas distâncias em busca de comida.

Essa jornada de até 10 mil km é um conhecimento construído ao longo de gerações: os mais velhos ensinam aos mais novos. Guiadas pela memória, as baleias se lembram das rotas mais seguras. Com atenção aos sinais do oceano, como a temperatura e a quantidade de sal na água, elas sabem a hora exata de partir em viagem.

Julia Debasse
Rio de Janeiro, RJ, 1985

Migração, 2024
Acrílica sobre tela
Coleção Particular

Direção Criativa: Radiográfico
Motion Design (Animação): Bruna Nogueira
Rio de Janeiro, RJ

Baleia, 2025
Videoarte

Duração: 6'00"

VOCÊ SABIA?

PARECE, MAS NÃO É

Os rodolitos parecem pedras, mas, na verdade, são nódulos de algas vermelhas calcificadas: elas absorvem o carbono da água para construir suas estruturas rígidas. Esses seres crescem muito lentamente no fundo do mar, cerca de um milímetro por ano e alguns podem viver mais de 8 mil anos, sendo testemunhas milenares da longa história dos oceanos.

A plataforma de Abrolhos, na costa da Bahia, possui a maior área coberta por rodolitos em todo o mundo: uma extensão de mais de 20 mil quilômetros quadrados.

FLORESTAS DO MAR

As algas são organismos que vão do microscópico fitoplâncton às macroalgas, como as florestas de *kelps*. Elas se dividem em três grupos principais em função da sua cor predominante: verdes, pardas e vermelhas. Essas cores são adaptações que permitem cada grupo captar a luz em diferentes regiões do oceano, garantindo a fotossíntese em ambientes variados. Essas florestas submarinas funcionam como berçários e refúgios para inúmeras espécies e alimentam quase toda a vida marinha.

MARÉS DE ALGAS

Quando há um aumento desregulado de nutrientes em condições favoráveis de luz e calor, ocorre um crescimento explosivo de fitoplâncton, conhecido como florações. Esse processo pode ser natural ou induzido por atividades humanas e, em alguns casos, resulta em florações nocivas: algumas dessas microalgas liberam uma grande quantidade de toxinas que afetam organismos marinhos e humanos, além de provocar diminuição do oxigênio na água.

Exemplares de rodolitos da coleção do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, coletados entre 1 e 70 metros de profundidade

JARDINS DO MAR

Corais não são nem plantas nem pedras coloridas: são animais, parentes próximos das anêmonas e das águas-vivas. A confusão se dá porque corais e algas vivem em relação: algas microscópicas encontram abrigo e proteção nos tecidos dos corais, e ao realizarem a fotossíntese, fornecem energia para sua sobrevivência e a diversidade de cores característica desses organismos.

Os recifes de corais são formados pelo acúmulo de colônias de corais de estrutura rígida, onde milhares de espécies se abrigam. Porém, esses “jardins do mar” estão entre os ambientes mais frágeis do planeta.

Objeto de Mediação Tátil

Acervo acessível da coleção didático-científica da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, UFRJ

Objetos de Mediação Tátil

Exemplares de corais da coleção do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro

BRANQUEAMENTO DOS CORAIS

O aumento da temperatura da água força os corais a expulsarem as algas, perdendo tanto a cor quanto a energia que elas fornecem, o que os leva à morte.

Desde 1998, foram registrados quatro eventos globais de branqueamento de corais. No último deles, em 2025, o planeta registrou o maior branqueamento da história: quase 84% dos recifes em mais de 80 países foram afetados pelo calor extremo nos oceanos. No Brasil, seis de sete áreas monitoradas entraram em alerta, e mais de 90% dos corais sofreram impacto.

Ações de proteção, no entanto, têm se mostrado muito eficientes na recuperação desses ecossistemas. Em Palau, na Micronésia, por exemplo, dez anos após a criação de áreas de proteção ambiental e leis de regulação de pesca, houve a regeneração total do recife de Helen: um dos recifes de corais mais biodiversos da Terra.

As cores dos corais são um sinal de saúde do oceano.

ARMADURAS DE CARBONATO

As conchas são estruturas de carbonato de cálcio, que servem de “armaduras naturais” para alguns moluscos se protegerem de predadores. Suas cores e padrões, guardam registros da vida do organismo e até das condições do ambiente.

Além de belas, as conchas têm papéis ecológicos importantes: ajudam a fixar o carbono retirado da água, contribuindo para o controle da acidez do oceano. Elas também revelam a saúde do mar, já que em águas mais ácidas crescem frágeis e finas.

Exemplares de conchas da coleção do Aquário Marinho do Rio de Janeiro (AquaRio)

A INTELIGÊNCIA BRINCANTE

Os golfinhos são famosos por seus saltos, giros e uma animada vida social. Eles vivem em grupos que se formam e se desfazem constantemente, mas isso não os impede de criar laços de amizade que podem durar a vida inteira. Cada golfinho possui um assobio de assinatura único, uma espécie de nome, guardado na memória do grupo por toda a vida.

Mas a inteligência social dos golfinhos vai muito além de acrobacias. Eles também usam o corpo inteiro para “conversar” através de gestos e toques e têm o hábito de nadar na proa de embarcações. É uma forma de se divertir e, ao mesmo tempo, aproveitar o impulso para descansar.

Imagens registradas por Gabriel Marchi e cedidas pelo Instituto de Pesquisas Cananéia (IPeC – SP/Brasil).

Registros do boto-cinza feitos na Baía de Sepetiba, Mangaratiba, RJ, em 2024, e do boto-cor-de-rosa no Rio Negro, Manaus, AM, em 2025

Duração: 1'22"

O OCEANO SONORO

Para nós, o oceano pode parecer silencioso, mas para os cetáceos (baleias, golfinhos etc.) é um universo dominado pelo som. Na água, o som viaja quatro vezes mais rápido que no ar, e por isso esses animais desenvolveram uma audição extraordinária: com três vezes mais capacidade auditiva que os humanos, conseguem perceber sons com grande pureza.

Esse mundo sonoro está sendo invadido pelo barulho humano. A indústria de petróleo, por exemplo, usa canhões de ar na busca por novas reservas. Cada disparo emite quase o mesmo som de um foguete decolando, a cada dez segundos, por meses seguidos.

Nesse caos, os golfinhos são forçados a “gritar” e fragmentar sua linguagem, um esforço que leva à exaustão e enfraquece sua saúde. O grito dos golfinhos é um sinal claro de um grave desequilíbrio.

VOCÊ SABIA?

BOTO E GOLFINHO: PRIMOS OU IRMÃOS?

Boto vive no rio e golfinho no mar, certo? Nem sempre! Na Baía de Guanabara, por exemplo, vive o boto-cinza, um boto de água salgada que é símbolo do Rio de Janeiro e está estampado no brasão da cidade. Na prática, os nomes populares “boto” e “golfinho” descrevem “primos” muito próximos, que compartilham habilidades como ecolocalização, comportamento social e uma inteligência excepcional.

BAÍA VIVA

A palavra “guanabara” tem origem na língua tupi e significa “seio do mar”: uma referência ao formato arredondado da enseada e à fartura de pesca que as suas águas sempre proporcionaram.

A Baía de Guanabara, onde o Museu do Amanhã faz sua morada, é a segunda maior baía em extensão do litoral brasileiro, com uma área de aproximadamente 380 km². O movimento das marés e dos rios que nela desaguam são fundamentais para sustentar suas diversas e numerosas formas de vida. As águas se renovam a cada noventa dias, numa proporção média de 30% no verão e 20% no inverno, trazendo oxigênio e nutrientes essenciais para todos os seres marinhos.

Se quiser saber mais sobre a Baía de Guanabara, visite a instalação “Baía em Movimento” no segundo piso do Museu.

Imagens capturadas por drone e cedidas por Gabriel Klabin

As capturas foram registradas na costa do Rio de Janeiro, entre os anos de 2021 e 2025

Duração: 2'54"

O MAR DO RIO

A costa do Rio de Janeiro é um viveiro de biodiversidade. Entre os mais notáveis habitantes e frequentadores estão baleias jubarte, baleias francas, orcas, tartarugas, raias, golfinhos, botos, tubarões e diversas espécies de peixes.

Na nossa costa, a vida se multiplica e se entrelaça com as mãos humanas. Diversas comunidades que vivem na região da beira-mar extraem alimento das águas para comércio e sustento familiar. Nesse cenário, é possível encontrar algumas atividades de extração artesanal que se destacam ao promoverem ações de preservação e restauro ambiental.

IMPACTOS VISÍVEIS

A costa do Rio de Janeiro e especialmente as águas da Baía de Guanabara sofrem há décadas com a poluição de diversos tipos: lixo industrial, esgoto doméstico, plásticos e entulhos. Há ainda contaminantes pouco estudados, como medicamentos, hormônios, entorpecentes e pesticidas. A ciência ainda não sabe todos os efeitos dessas substâncias sobre a vida marinha, mas danos bioquímicos e mudanças nos índices de diversidade são inevitáveis em condições de descarte desregulado. É urgente conter os impactos químicos sobre a Baía de Guanabara.

O oceano é um só. Um corpo d'água contínuo que abraça todos os continentes e conecta todas as formas de vida.

A maior parte da vida na Terra está na água. O oceano abriga 97% da biosfera do planeta.

Objeto de Mediação Tátil

Baiacu

Espécie de peixe conhecido por inflar em situações de estresse e liberar toxinas através dos espinhos

Objeto de Mediação Tátil

Escamas

As escamas dos peixes protegem seu corpo e ajudam na camuflagem refletindo a luz

Objeto de Mediação Tátil

Tentáculo De Polvo

Tentáculo do corpo do polvo que contém milhares de neurônios

Objeto de Mediação Tátil

Monstro “galinha sem cabeça”

Espécie de pepino-do-mar nadador com corpo transparente e apelido curioso Jardim Botânico do Rio de Janeiro



O CORAÇÃO DO PLANETA

O oceano pulsa em sincronia com o cosmos. Essa imensa massa de água em movimento gera um complexo sistema circulatório que torna a vida na Terra possível.

A harmonia desse movimento, no entanto, está sendo afetada por um descompasso criado pela humanidade: o aquecimento global, resultado direto dos padrões excessivos de produção e consumo da nossa espécie, provoca o aquecimento do oceano afetando o clima e a vida marinha de todo o planeta. Essa “febre” das águas e consequente expansão térmica descongela as geleiras dos pólos, provocando a elevação do nível do mar e prejudicando muitos ecossistemas costeiros e os seres que neles habitam.

O coração do planeta precisa de cuidados.

96,5% da água do planeta corresponde aos mares e oceanos. O oceano é responsável pela absorção de cerca de 25% do gás carbônico que produzimos. O oceano absorveu 91% do calor retido no sistema terrestre nos últimos 50 anos.

A TERRA TEM UM SATÉLITE
NATURAL, A LUA.
A INTERAÇÃO DOS ASTROS
PROVOCA AS MARÉS.

A ROTAÇÃO DA TERRA
MOVIMENTA AS ÁGUAS.
ESSE MOVIMENTO REGULA
O CLIMA.

MARÉ ASTRONÔMICA

As marés são o movimento ritmado de subida e descida do nível do mar, produto da força gravitacional exercida pela Lua e pelo Sol sobre a Terra.

A Lua, por estar mais próxima, é uma das responsáveis por provocar o movimento das águas oceânicas. Quando Sol, Terra e Lua estão alinhados (Lua cheia ou Lua nova), as marés se tornam mais intensas.

Esse movimento constante regula os delicados ecossistemas que dependem do balanço entre o mar e a terra.

O OCEANO EM MOVIMENTO

As correntes oceânicas são grandes fluxos de água que circulam pelo planeta. Esse movimento se dá pela rotação da Terra e pela ação dos ventos: o efeito da inércia desloca massas de ar e água em sentido oposto ao da rotação do planeta.

Esse sistema circulatório faz a distribuição das águas quentes do equador em direção às regiões polares. Essa troca de temperatura é fundamental para regular o clima global.

VOCÊ SABIA?

QUANDO A MARÉ MUDA?

A interação gravitacional entre os astros – Terra, Lua e Sol – produz duas marés altas e duas marés baixas a cada dia, em ciclos de cerca de 12 horas e 25 minutos, ou seja: a cada 6 horas e 12 minutos a maré muda.

VOCÊ SABIA?

DE ONDE VEM ESSA ÁGUA TODA?

A ciência ainda não sabe responder a essa pergunta. Alguns cientistas sugerem que, durante a história inicial da Terra, asteroides e cometas podem ter trazido moléculas orgânicas intactas que formaram a água do planeta, ou seja: o oceano pode ter vindo do espaço.

Arroz
Pilaf
Lima
Açai
Gengibre
Coco

O OCEANO NÃO SEPARA. ELE CONECTA.

Viver em comunidade exige imaginar um começo em comum. Cada geração, ao se perguntar sobre a sua origem, cria imagens que tentam responder de onde viemos e, sobretudo, para onde queremos ir.

Identidades de diversos povos se formaram no contato com o oceano: existências foram moldadas pela e para a vida na água, enfatizando que somos feitos de relação e interdependência. Assim como a Terra depende do oceano para existir, nós também dependemos dessa ligação. Somos arquipélagos enraizados no mar.

O oceano conecta: é travessia, é via para encontros, é caminho para o recomeço, é vida, morte, memória e é cultura. É um arquivo líquido de histórias não contadas, de rastros de dor, mas também da criatividade e das descobertas que emergem dos deslocamentos.

O mar transforma paredes em membranas e barreiras em pontes, nos devolvendo ao movimento, ao balanço, ao todo.

Conhecemos mais
a superfície da Lua do
que o fundo do oceano.

Direção Criativa: Radiográfico
Rio de Janeiro, RJ

Mitos, 2025
Videoarte

Duração: 4'00"

VOCÊ SABIA?

AS HIDROVIAS INVISÍVEIS

Hoje em dia, quase todas as comunicações internacionais viajam pelo fundo do mar. A internet é mantida através de mais de 500 cabos de fibra óptica submarinos: totalizando mais de 1 milhão de quilômetros, formam uma rede gigantesca e invisível de “hidrovias digitais” que conectam o mundo inteiro. Por esses cabos passam cerca de 10 trilhões de dólares em transações financeiras todos os dias! Basicamente, a “nuvem” que usamos está na verdade ancorada no fundo do oceano

01

02

03

01

Tiago Sant'Ana

Santo Antônio de Jesus, BA, 1990

Rosa dos ventos, 2021

Açúcar, resina e fibra de vidro

Coleção particular

02

Tiago Sant'Ana

Santo Antônio de Jesus, BA, 1990

Aguardente, 2018

Cachaça, vidro gravado a laser,

madeira e veludo

Cortesia do artista e Galeria Leme

03

Tiago Sant'Ana

Santo Antônio de Jesus, BA, 1990

Cruzeiro do Sul, 2021

Pigmento mineral sobre papel de algodão

Cortesia do artista e Galeria Leme

VOCÊ SABIA?

FORMAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

A influência africana na cultura brasileira é fruto de milhões de pessoas sequestradas da África, que foram continuadamente desembarcadas no Brasil ao longo de quatro séculos. Em decorrência da violenta política colonial, a média de sobrevivência de uma pessoa escravizada era de apenas 7 anos, e a expectativa de vida ao nascer era de apenas 23 anos. Esse cenário gerou um contato massivo de diferentes culturas, que provocou um processo contínuo de reconfiguração cultural: em meados de 1823, cerca de 73% da população negra da cidade do Rio de Janeiro ainda era formada por pessoas nascidas na África, que aqui cultivaram suas tradições.

OBRA EXPOSTA EM VITRINE

Stefanie Queiroz
Rio de Janeiro, RJ, 1989

Em memória, 2024
Vasos de cerâmica com intervenção
Coleção da artista

05

06

05

Wendy Andrade

Rio de Janeiro, RJ, 1994

No curso do rio, 2013

Série Todo menino é um mar

Pigmento mineral sobre papel de algodão

Coleção do artista

06

Wendy Andrade

Rio de Janeiro, RJ, 1994

O que sobrou do céu, 2015

Série Todo menino é um mar

Pigmento mineral sobre papel de algodão

Coleção do artista

07

08

07

Carlos Pertuis

Rio de Janeiro, RJ, 1910 – 1977

Barca do Sol, 1976

Lápis de cera sobre papel

Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

08

Carlos Pertuis

Rio de Janeiro, RJ, 1910 – 1977

Sem título, 1970

Óleo sobre tela

Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

VOCÊ SABIA?

FLORA AFRO-BRASILEIRA

Algumas espécies vegetais de grande importância cultural e ritualística foram trazidas intencionalmente da África para o Brasil. Outras chegaram acidentalmente, misturadas às bagagens ou em forma de sementes soltas nos porões. Muitas dessas plantas foram cultivadas nos quintais, terreiros e roças dos escravizados, tornando-se parte do cotidiano e da espiritualidade afro-brasileira. Mesmo em uma paisagem vegetal estranha, os povos africanos que aqui estavam buscaram reconhecer espécies parecidas e reconstruir suas práticas com base na semelhança das folhas, aromas e usos, reinterpretando o novo a partir da memória do antigo.

TRAVESSIA ÁFRICA-BRASIL

Na história do continente africano e do Brasil, o Atlântico foi rota de morte e caminho para um mundo novo. Os que resistiram ao oceano deram origem a novos galhos de uma vida que mantinha raízes no solo africano. Depois da travessia, brotaram novas existências: reexistências.

Na filosofia africana do povo Bakongo, a travessia é também passagem de vida: o ciclo contínuo de nascer, viver, morrer e renascer. No centro do cosmograma (“imagem do mundo”), a linha d’água – *Kalunga* – separa e une os dois mundos: o visível material e o invisível ancestral.

Por esse ponto de vista, o oceano é mais que caminho: é portal entre mundos e testemunha das vivências daqueles que não puderam contar suas histórias. Cada onda carrega a luta dos que não chegaram e a força vital dos que sobreviveram e reinventaram a vida.

Nesse sentido, a travessia continua.

09

10

11

09

Olívio Fidélis dos Santos

São Paulo, SP, 1930 – desconhecido

Sem título, 1967Guache, lápis de cor e grafite sobre papel
Acervo Museu de Imagens do Inconsciente

10

Joseca Yanomami

Rio Uxi U (Terra Indígena Yanomami), AM, 1971

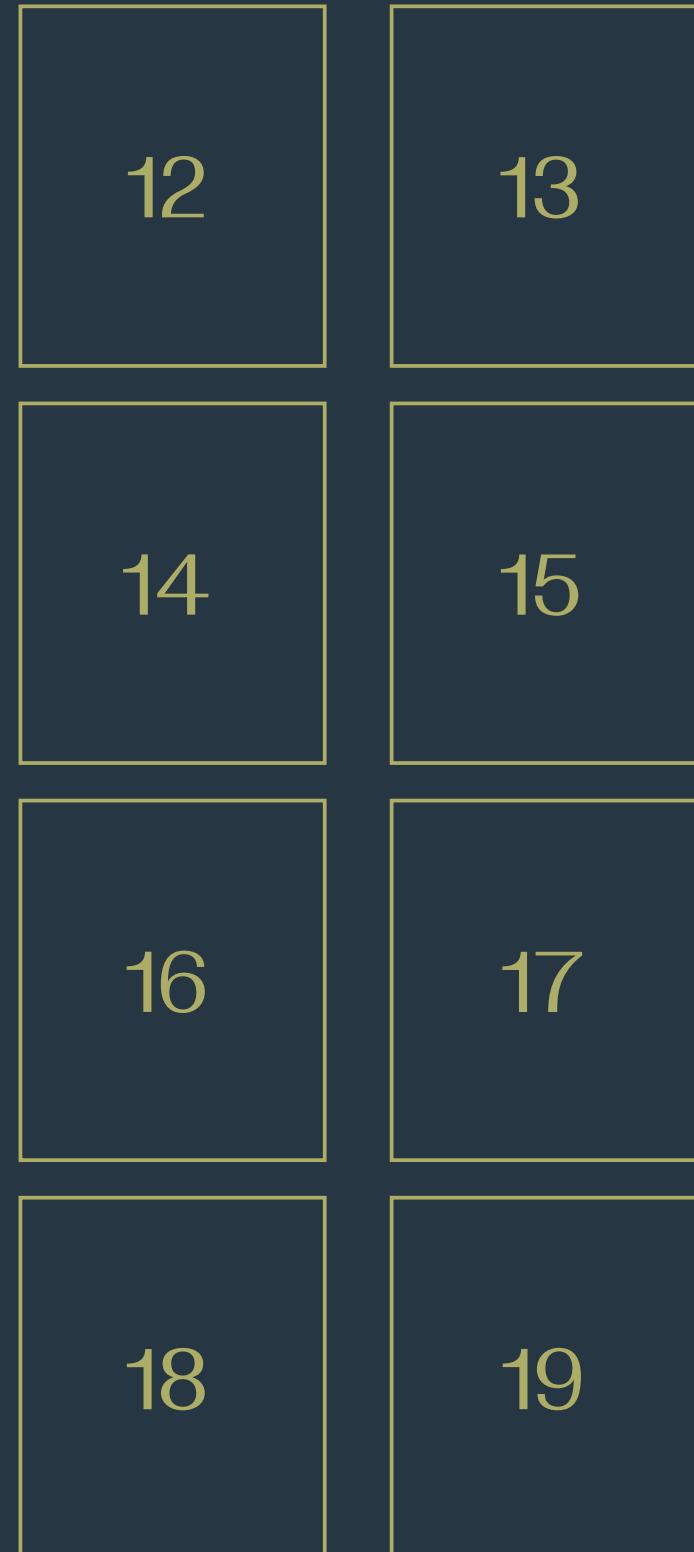
Omama recolhe as espumas que usou para criar os ancestrais dos Yanomami e também dos napë pë (não-indígena), 2005
Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e grafite sobre papel
Coleção Bruce Albert

11

Joseca Yanomami

Rio Uxi U (Terra Indígena Yanomami), AM, 1971

Os espíritos Pirimaarixiri e Yurikori, 2005
Tinta de caneta hidrográfica, lápis de cor e grafite sobre papel
Coleção Bruce Albert



12, 13, 14,
15, 16, 17,
18 e 19

Julieta Sobral
Paris, França, 1966

Xapiri, 2021
Série *Xapiri*
Cianotipia sobre papel de algodão
Coleção da artista

—

Xapiri é uma série composta por oito pequenos seres que cintilam como vagalumes no jardim ao anoitecer. Mistos de plantas e animais, seus nomes “científicos” unem as espécies que os constituem. Uma releitura daqueles que, segundo o xamã Davi Kopenawa, são imagens dos animais ancestrais que habitavam o tempo primordial. Dormem quando o sol nasce e despertam à noite, dançando sobre espelhos de luz. Minúsculos, luminosos e protetores, são invisíveis aos olhos comuns. (Podem ser temíveis, caso desrespeitados) Uma homenagem à botânica e fotógrafa Anna Atkins, pioneira da cianotipia no século XIX.

VOCÊ SABIA?

VASTO OCEANO DO INCONSCIENTE

Segundo o psiquiatra suíço Carl Jung (1875 – 1961), o ser humano nasce inconsciente, trazendo em si muitos conteúdos herdados dos seus ancestrais, e só depois se torna consciente de si. Assim, o inconsciente – que é característico da mente humana – é anterior à consciência.

OCEANO DE HISTÓRIAS

Antes dos mapas, antes da ciência, o desconhecido tinha a forma de um abismo.

Olhamos para o mar e semeamos histórias. Demos nomes a monstros onde só havia o medo da imensidão e do profundo. Cada povo, na sua origem, do seu jeito, busca tornar o invisível visível e dar luz ao mistério.

No gesto de contar as histórias do mundo se ergue um lugar comum, onde seres humanos, rios, mares, plantas, animais e montanhas partilham o mesmo campo de existência, valores, sentido de vida, relações e desvelam um mundo possível.

Mitos de origem e lendas do futuro hoje descansam no mar. Mas a imaginação nunca dorme, porque o abismo do desconhecido habita em nós. O mar nos transborda, somos cidadãos oceânicos.

CULTURA OCEÂNICA

Estima-se que mais de 40% da população mundial viva na região da costa marítima. Nesse cenário, o Brasil é uma nação oceânica. São cerca de 8,5 mil quilômetros de beira-mar, que abarcam 17 estados, 443 municípios, 13 capitais, 111 territórios quilombolas e 61 terras indígenas. Nessa faixa costeira, vive cerca de metade da população do país.

Costeiros ou não, todos compartilham modos de vida ligados ao mar. Para muitas dessas populações o mar é alimento; para outras, caminho, memória, escola e divindade: o oceano sustenta e ensina.

20

20

Arthur Bispo do Rosario
Japaratuba, SE, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1989

Vitrine - Fichário XVI
- **Aurélio Nunes**, século XX
Montagem, desenho, carpintaria,
escrita e pintura
Acervo Museu Bispo do Rosario

OBRA EXPOSTA EM VITRINE

Arthur Bispo do Rosario
Japaratuba, SE, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1989

Vela roxa, século XX
Montagem, carpintaria, pintura e costura
Acervo Museu Bispo do Rosario

Arthur Bispo do Rosario
Japaratuba, SE, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1989

Cata-vento, século XX
Montagem, carpintaria, pintura, escrita,
costura e bordado
Acervo Museu Bispo do Rosario

VOCÊ SABIA?

TODA PESCA É SUSTENTÁVEL?

A legislação brasileira define duas modalidades principais de pesca.

A pesca industrial foi introduzida no Brasil por imigrantes a partir dos anos 1950 e é praticada por empresas com grandes embarcações. Já a pesca artesanal é realizada de forma autônoma ou familiar e reflete a miscigenação da história do país, unindo saberes de povos indígenas, africanos, europeus e asiáticos. Mas vale lembrar: a legislação brasileira parte do princípio de que toda atividade pesqueira gera impactos significativos. Sendo assim, a sustentabilidade da prática depende da conscientização ambiental de quem a exerce.

VOCÊ SABIA?

DESTRUÇÃO, PROIBIÇÃO E REGENERAÇÃO

A pesca de arrasto é uma das práticas mais danosas aos ecossistemas marinhos. No fundo do mar, redes arrancam organismos fixos, destroem recifes e capturam toda a vida que encontram pela frente, desertificando ambientes inteiros.

A imensa maioria desses seres nem são o alvo da pesca: são capturados pelo arrasto e em seguida são descartados de volta ao mar, feridos ou mortos. A regulação da prática é essencial à preservação de corais e demais seres do fundo do mar.

21

21

Gilvan Samico
Recife, PE, 1928 – 2013

A pesca, 2007
Xilogravura
Coleção da família do artista

22

23

24

22, 23 e 24

Luciano Candisani

São Paulo, SP, 1970

Mulheres do mar, 2017

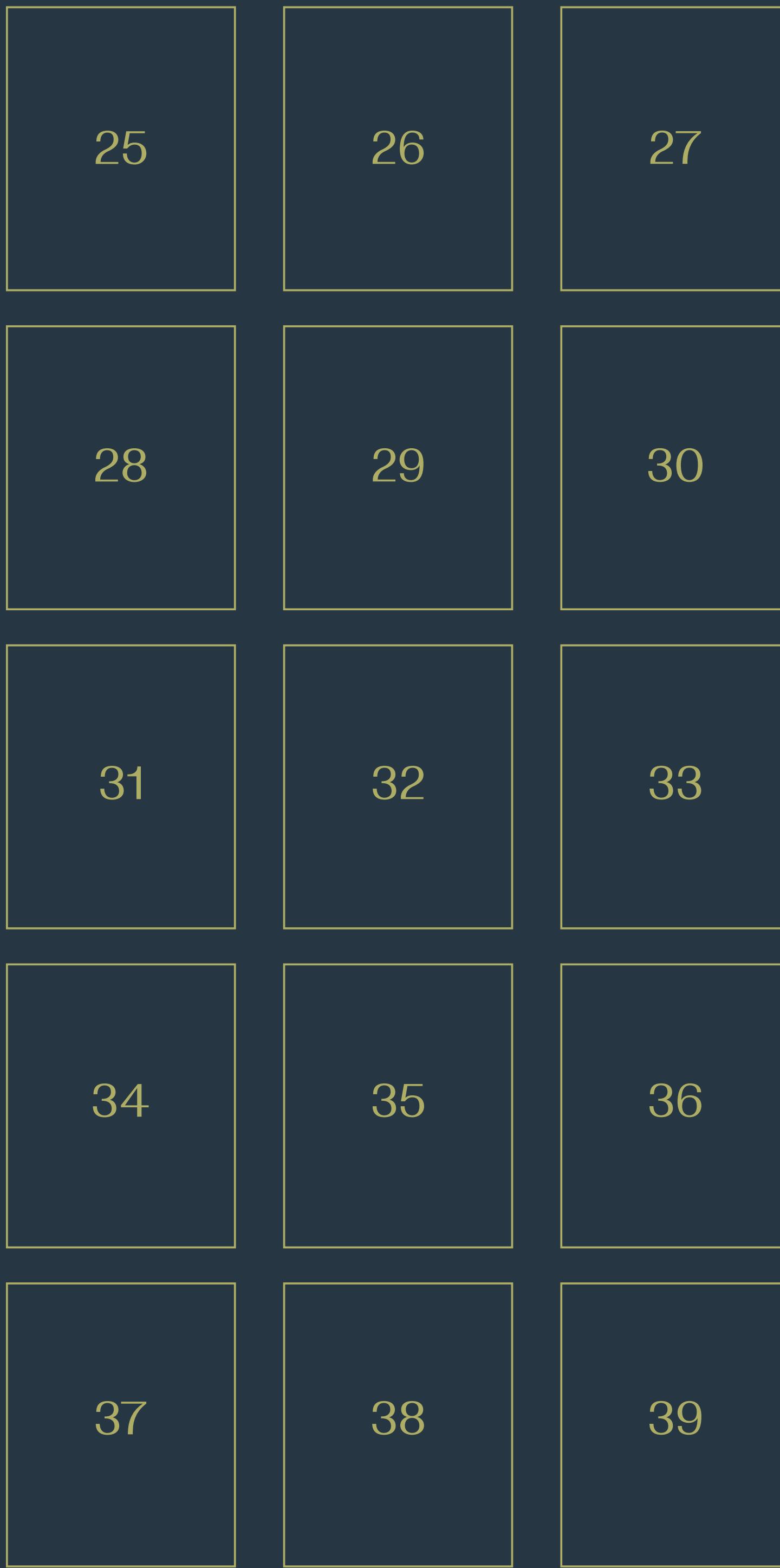
Série Haenyeo, mulheres do mar
(Coréia do Sul)

Pigmento mineral sobre papel de algodão
Coleção do artista

VOCÊ SABIA?

AS MULHERES DO MAR

Na Ilha de Jeju, na Coreia do Sul, existem as Haenyeo, ou “mulheres do mar”. Elas seguem uma tradição secular: mergulham fundo usando apenas o ar dos próprios pulmões para coletar frutos do mar, uma prática de baixo impacto ambiental que garante o sustento de suas famílias. A força dessas mulheres (algumas com mais de 90 anos) para o mergulho combina conhecimento do mar e uma capacidade de respiração lapidada e transmitida por gerações. O resultado é um exemplo raro de adaptação humana ao mar.



-
- 25, 26, 27 **Vila, Prainha, Itaúna**
- 28, 29, 30 **Pedra do Tubarão, Piscina do Padre, Pedra do Índio**
- 31, 32, 33 **Casca grossa, Barrinha, Manitiba**
- 34, 35, 36 **Ponte, Canoa caiçara, Lagoa**
- 37, 38 e 39 **Salve a baleia, Salvamento, Salto**

25

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Vila, 2025

Série O canto da vila
Acrílica sobre compensado naval
Coleção do artista

26

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Prainha, 2025

Série O canto da vila
Acrílica sobre compensado naval
Coleção do artista

27

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Itaúna, 2025

Série O canto da vila
Acrílica sobre compensado naval
Coleção do artista

28

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Pedra do Tubarão, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

29

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Piscina do Padre, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

30

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Pedra do Índio, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

31

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Casca grossa, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

32

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Barrinha, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

33

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Manitiba, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

34

Mulambö
Saquarema, RJ, 1995

Ponte, 2025
Série O canto da vila
Acrílica sobre compensado naval
Coleção do artista

35

Mulambö
Saquarema, RJ, 1995

Canoa caiçara, 2025
Série O canto da vila
Acrílica sobre compensado naval
Coleção do artista

36

Mulambö
Saquarema, RJ, 1995

Lagoa, 2025
Série O canto da vila
Acrílica sobre compensado naval
Coleção do artista

37

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Salve a baleia, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

38

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Salvamento, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

39

Mulambö

Saquarema, RJ, 1995

Salto, 2025

Série O canto da vila

Acrílica sobre compensado naval

Coleção do artista

VOCÊ SABIA?

TECNOLOGIAS NASCIDAS DO MAR

O processo de colonização no Brasil colocou em contato saberes indígenas, africanos e europeus especialmente relacionados à construção de embarcações e à navegação. O encontro com novos materiais, condições e a necessidade de adaptar técnicas ancestrais provocaram inovações únicas, como por exemplo as jangadas do Nordeste, leves e resistentes para navegar entre recifes e águas rasas. Essas embarcações, tombadas como patrimônio cultural, combinam elementos de diferentes tradições, como as velas europeias, as amarrações africanas e as tradicionais canoas indígenas.

Video

Julia Naidin

Rio de Janeiro, RJ, 1983

Mar Concreto, 2021

Videoarte, 15'08"

Video wall

Imagens da costa do Rio de Janeiro cedidas
pelo Instituto Mar Urbano (RJ/Brasil)

Direção Criativa: Radiográfico

Edição: Gabriel Duran

Videoarte

Duração: 6'00"

Podcasts

Episódio 0: Uma carta à vivacidade da Baía de Guanabara

Duração: 9'12"

Episódio 1: Uma carta à primeira mulher da pesca

Duração: 29'13"

Episódio 2: Uma carta ao ato de tecer redes

Duração: 27'18"

Episódio 3: Uma carta aos pés que tocam o mangue

Duração: 30'41"

Episódio 4: Uma carta às mãos que puxam redes

Duração: 30'32"

—

Cartas à Baía de Guanabara é uma série original realizada pelo **Museu do Amanhã**, produzida pelo **Observatório do Amanhã** e pela **Cátedra Unesco de Bem-Estar Planetário e Antecipação Regenerativa**. Com apresentação de Fabíola Fonseca, em cada episódio, especialistas, pescadoras e pesquisadoras trocam saberes sobre o passado, o presente e os futuros possíveis para essa paisagem tão viva.

QRcode - acesse o conteúdo completo

०८
८०
८८
८८
८८
८८
८८

A ERA DO NAUFRÁGIO

Vivemos a “era do naufrágio”: um período necessário de transformações individuais e coletivas. As crises climáticas, políticas e sociais sugerem um modo de vida que precisa urgentemente afundar.

A ciência moderna ampliou muito nossa capacidade lógica e racional de projetar cenários futuros, mas ainda assim a sociedade moderna não sente a aproximação dos riscos e hesita em mudar seus hábitos. Já fomos capturados pelas consequências da nossa irresponsabilidade ambiental. O que mais precisa acontecer para interrompermos essa experiência de autodestruição?

Para Antonio Bispo dos Santos (1959 – 2023), vida é “começo, meio e começo”. Assim, o naufrágio não é o fim, mas o meio para uma transformação inevitável: um processo de “compostagem” que reconhece e aprende com o que fomos para fertilizar o melhor que podemos ser.

“Alguém que viveu um naufrágio (...) não pode mais ser o mesmo indivíduo, sofre transformação.”

Nise da Silveira (1905 – 1999)

Video piso

Direção Criativa: Radiográfico
Motion Design (Animação): Bruna Nogueira
Rio de Janeiro, RJ

Começo, meio, fim, 2025
Videoarte

Duração: 5'00”

COMEÇO.

MEIO.

COMEÇO.

AS PALAVRAS DISSOLVEM EM SAL.

CAI,

DESLIZA.

DESCE.

DERIVA.

NADA SE

QUEBRA:

APENAS

SE MISTURA.

EU ILHA.

NÓS ARQUIPÉLAGO.

O MAR UM.

FRONTEIRA AFUNDA.

MEMÓRIA

DO PLANETA VERDE ANTES DO AZUL.

SUBMERSO

AR

O INCONSCIENTE É
LÍQUIDO.
OCEANO MISTÉRIO.

DO QUE
AFUNDA,
NASCE.

AS RUÍNAS FLUTUAM:
PEDAÇOS DE
TERRA,
CASCAS DE
MUNDO,
CACOS DE
CERTEZA.

NAUFRÁGIO É COMPOSTAGEM.

FLORESCEM DO FUNDO:
ALGAS-MEMÓRIAS,

CORAIS-PALAVRAS,
PEIXES-LUZ.

A
SUPERFÍCIE

NÃO É RETORNO: É VIR-A-SER.
SOBE-SE DEVAGAR,
COMO QUEM REAPRENDE A RESPIRAR.

A VIDA É OUTRA.

A ÁGUA VERBO.
O NAUFRÁGIO
TRAVESSIA.

ENTRE O EU E O NÓS,
CORRENTE.

ENTRE O ONTEM E O PORVIR,
MARÉ.

ENTRE O SILENCIO E O SOM,
RESPIRAÇÃO.

NAUFRÁGIO

AGORA,
TUDO RESPIRA.

AGORA, O OCEANO ANTECIPA.

DEBAIXO DO COLAPSO,
UM RITMO

DESAPRENDO O CONTINENTE

DESCONHEÇO O CONTORNO
RECOMEÇO O
COMUM

O

FUTURO É LÍQUIDO

EM MEMÓRIA

RE
SUR
GIR
É

DISSOLVER

NÃO HÁ FIM – HÁ FUNDO.

E O FUNDO É O COMEÇO

COMEÇO

Leandro Lima
São Paulo, SP, 1976

Travessia (Esforço Coletivo), 2021
Estrutura em madeira, lâmpadas de LED,
microcontrolador e servos elétricos
Coleção do artista

OCEANO: O MUNDO É UM ARQUIPÉLAGO

Diretor Museu do Amanhã
Cristiano Vasconcelos

Curadoria

Fabio Scarano, Camila Oliveira, Caetana Lara Resende

Equipe Curatorial

Julia Deccache, Rafael Salimena, Camila Campos, Lorena Peña, Julia Meira

Redação

Fabio Scarano, Camila Oliveira, Rafael Salimena, Anna Fornero

Produção Executiva

Julliana dos Santos e Silva, Guilherme Venancio, Nathália Simonetti

Museologia

Tatiana Paz, Camilla Brito, Fabiana Motta, Kelly Vilela

Artistas

Bispo do Rosario, Carlos Pertuis, Gilvan Samico, Joseca Yanomami, Julia Debasse, Julia Naidin, Julieta Sobral, Leandro Joaquim, Leandro Lima, Luciano Candisani, Mulambö, Olívio Fidélis dos Santos, Stefanie Queiroz, Thiago Sant'Ana, Wendy Andrade

Projeto Expográfico

Estúdio Chão, Antonio Pedro Coutinho Doca, Adriano Mendonça, João Assad, Caio Rechuem

**Projeto de Design
Radiográfico**

Projeto de Iluminação
Fernanda Carvalho,
Emília Ramos

Pesquisa de Conteúdo
Anna Fornero, Verônica Marques

Consultoria de Conteúdo
Priscila Lange, Marcelo Vianna, Alexandre Turra

Vídeos
Radiográfico

Edição
Gabriel Duran, Motion Nogueira

Imagens vídeo wall
Instituto Mar Urbano

**Execução da Estrutura
Cenográfica**
Camuflagem Cenografia

**Preparo e Montagem
Esqueleto Orca**
Amâncio Osteomontagem Ltda., Antonio Carlos Amâncio, Caliel Veras Amâncio, Kauã da Silva Cardoso

Gráfica
Base Comunicação Visual

Impressões Fotográficas
 Estudio Kelly Polato,
 Sixth Studio, Estúdio Lukas
 Cravo

Molduras
 Art Montagens by Suhmaya,
 Jacarandá Montagens,
 Estúdio
 Lukas Cravo

Produção de Montagem
 Órbita, Crica Rodrigues

Laudistas
 Daniele Santos (RJ), Fabiana
 Oda (SP),
 Flora Pinheiro Hernandes
 (RJ), Paula Curado (RJ),
 Paulo Otávio Laia (BA)

Montagem Fina
 Kbedim

Instalação Areia
 H.B. Garden

Instalações Audiovisuais
 Luiz Lima, Ana Barth, Bruno
 Carreiro, Edson Castro,
 Vanderson Vieira, Inovatec,
 Soluções Audiovisuais

Projeto e Instalação Elétrica
 Inventor Elétrica

Desenvolvimento de Público
e Atendimento
 Eduarda Mafra, Wagner
 Guinesi, Alice Villa, Nilson
 Ramos, Andrey Ferreira,
 Brenda de Oliveira, Cauê
 Barroso, Diana Severino,

Gabriel Ramos, Guilherme
 Gouveia, Igor Alencar, Ismael
 Almeida, José Américo, José
 Francisco, Lucas Vieira,
 Luís Rodrigo, Mariana do
 Nascimento, Marina Canedo,
 Matheus Oliveira, Queren
 de Souza, Raisa de Oliveira,
 Shirlei Chagas, Thais Santos,
 Vinicius Marcelo, Vitor da
 Silva, Yan Silveira

Educação Museal
 Stephanie Santana, Renan
 Freira, Bianca Paes Araújo,
 Bruno Baptista, Davi Macena,
 Fernanda Castro, Juan
 Barbosa, Julia Mayer, Juliana
 Camara, Marcus Andrade,
 Maria Gabriela Barbosa,
 Maria Luiza Lopes, Nicolle
 Portela, Nicolle Soalheiro,
 Thainá Nunes, Vinícius
 Andrade, Vinicius Valentino

Operações e Facilities
 Valéria Ferro, Camila Pires,
 Diogo Freire, Ezequiel
 Tavares, Alexandre Souto,
 Marlon Vidal, Patrick Melo,
 Silas Miranda, Jefton Elias,
 André Barbosa, Aleksandro
 Gomes, Fernando Fernandes,
 Luciano Rosa, Cristiano
 Suassuna

Revisão de Texto
 Jade Medeiros

Versão em Inglês e Espanhol
 Catarina Lara

Interativo Digital

Camaleoa Criações, Izabella Lessa, Antônio Sá, Bruno Ranevsky, David Cunha, Rafael Schneider, Renan Rinaldi

Acessibilidade Tátil

Paju SA Engenharia

Obras Táteis

Casa do Braille

Objetos Sensoriais

Luiza Kemp

Acessibilidade de Conteúdo

Juliete Viana

Seguro das Obras

Howden Brasil, Ezze Seguros

Transporte de Obras

Millenium Transportes

Agradecimentos

Museu Nacional, Seção de Assistência ao Ensino (SAE) - Museu Nacional, UFRJ, Museu Histórico Nacional, Museu da Imagem e do Inconsciente, AquaRio, Ilhas do Rio, Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Cananéia, Instituto Nacional de Pesquisas Oceânicas, Mar de Mangue, Nas Marés, Instituto Mar Urbano, Alexander Kellner, Marcelo

Szpileman, Lula Wanderley, Eurípedes Gomes da Cruz Jr., Christina Gabaglia Penna, Alexandre Turra, Marcelo Vianna, Priscila Lange, Ana Nathália Pessoa da Silva, Rafael Franco Valle, Caio Louzada, Gabriel Marchi, Gabriel Klabin, Marcelle Farias, Leonardo Tavares Salgado, Ricardo da Gama Bahia, Fernando Moraes, Clarice Martins Ribeiro, Suzana Mendes, Leca Kanawati, Mayara Motta, Bruno A. Araujo, Juliana Poncione Mota

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro
Eduardo Paes

Vice-Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro
Eduardo Cavaliere

Secretário Municipal de Cultura
Lucas Padilha

IDG – INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

Diretor-geral
Ricardo Piquet

Diretor de Marketing e Parcerias
Daniel Bruch

Diretor de Projetos

Sérgio Mendes

Diretora Administrativa**Financeiro**

Marlis Silva

Diretora de Governança

Carolina Tendler

Conselho de Administração

Ana Zambelli, Marcio Lacs,
Danielle Valois, Tonico
Pereira, Gabrielle Zitelmann,
Andre Marini, Marcia
Carneiro e Suzana Khan

Conselho Fiscal

Luiz Félix de Freitas, Luciano
Porto e
Valéria Amoroso

Controladoria

Ana Paula Maia, Norma dos
Santos, Thiago Lopes, Carla
Corrêa, Célia Alvino, Gisele
Vallim, Giulio Araújo, Helder
Jennings, Livia Nascimento
e Victor Findlay

Governança e Compliance

Márcia Carneiro,
Aline Fernandes,
Nivaldo Nascimento e
Sabrina Cruz

Comunicação Institucional

Nailanna Tenório, Hebert
Rodrigues e Theo Cunha

Inteligência de RH

Thays Souza, Taisa Marques,
Felipe Freire, Flaviane
Moreira, Jessica Demétrio e
Luciano Mauro

Exposições

Marina Piquet e
Amarílis Lage

Jurídico

Luz & Ferreira Advogados

Negócios

Renata Salles, Paulo
César Júnior, Cauê Souza,
Emanuela Arruda, Gabriela
Reis e Iago Pereira.

Orçamento e Custos

Alexandra Taboni, Ana
Helena Nacif, Felipe Leão
e Larissa Almeida

Pessoas e Cultura

Isabella Carneiro, Eduarda
Szpilman, Ellen Fernandes,
Caroline Costa, Catarina
Hosana, Mayara Ultramar e
Walace Almeida

Performance e Processos

Nicole Sieiro, Brenda
Bittencourt, Luiz Fernando
Moura, Paula Diogo e Rennan
Rodrigues.

Projetos

Tatiana Azevedo, Francisco
Martins, Claire Muniz, João
Henrique Paes, Ricardo de
Aquino e Ricardo Motta

Recursos Incentivados

Patricia Nascimento,
Lanuzza de Lima, Camila
Emily, Cleyton Luz e Victoria
Carvalho

Relacionamento

Clarisso Ivo, Julia Paes
Leme, Hariel Martins, Iara
Pereira, Isabella Brazil
e Marianna Melo

Relações Institucionais

Mariana Kuo

Secretaria Executiva

Elaine Magalhães
e Renata Lima

Suprimentos

Andrea Bromundt,
Flavio Machado, Andreia
Guimaraes, Brunna Mendes,
Carlos Viegas, Cristiane
Antunes, Danielle Lyrio, Erick
Cunha, Gustavo Pereira e
Vitor Costa

MUSEU DO AMANHÃ**Diretor Executivo**

Cristiano Vasconcelos

Curador

Fabio Scarano

Conselho Consultivo

José Roberto Marinho, Edu
Lyra, Flávia Oliveira da Fraga,
Flavio Ofugi Rodrigues, Hugo
Barreto, Josier Marques Vilar,
Julia Knights, Lucas Padilha,
Maitê Leite, Manuel Falcão,

Maria Silvia Bastos, Marisol
Penante, Maurício Bahr,
Miguel Setas, Ricardo Piquet
e Ronaldo Lemos

**Comitê Científico
e de Saberes**

Bruno Brulon, Debora
Foguel, Elisa Reis, Eline
Martins, Helena Nader, Hugo
Aguilaniu, Joana D'Arc Félix
de Souza, José Augusto
Pádua, Leandra Regina
Gonçalves, Paulo Artaxo,
Roberto Lent, Rosiska Darcy
de Oliveira, Sandra Benites,
Sergio Besserman, Silvana
Bahia e Stevens Rehen

**Gerência Geral de
Desenvolvimento
de Públicos**

Eduarda Mafra

**Gerência Geral
de Conteúdo**

Camila Oliveira

Relações Institucionais

Giovanna Serruya

Comunicação

Juliana Silleman, Mariana
Boghossian, Thiago Mattos,
Alexandre Carvalho, Anna
Janot, Erika Verling, Isadora
Bispo, Joyce Miranda, Lucas
Vidal, Mariana Solis, Michel
Almeida e Tarso Expedito

Comunidades e Territórios

Hérica Lima, Fabio Moraes e
Manuella Nogueira

Escola de Ciências do Amanhã

Nina Pougy, Joana Galetti,
Beatriz Carneiro, Catarina
Werlang, Jéssika Santana
e Vitória Holz

Atendimento

Wagner Guinesi, Alice Villa,
Nilson Ramos, Andrey Arder,
Brenda Pinheiro, Cauê de
Albuquerque, Diana Severino,
Francisco Sousa, Gabriel
Ramos, Guilherme Gouvea,
Igor Alencar, Ismael Almeida,
José Américo, Lucas
Pinheiro, Luis Rodrigo, Marina
Canedo, Mariana Macedo,
Matheus Oliveira, Queren
Oliveira, Raisa Medeiros,
Shirlei Chagas, Thais
Trindade, Vinicius Marcelo,
Vitor Santos e Yan Gomes

Eventos

Mariana Neves, Lucas Pires,
Luga Nascimento, Marina
Amora e Marina Lopes

Pesquisa e Estudos de Públicos

Caroline Caldas, Letícia
Sales e Rafael Loureiro

Desenvolvimento

de Públicos

Isadora Dias e
Wellington Rodrigues

Educação

Stephanie Santana, Renan
Freira, Bianca Paes Araújo,
Bruno Baptista, Davi
Macena, Fernanda de Castro,
Juan Barbosa, Julia Mayer,
Juliana Camara, Marcus
Andrade, Maria Gabriela
Teixeira, Maria Luiza Lopes,
Nicolle Portela, Nicolle
Soalheiro, Thaina Nunes,
Vinicius Andrade
e Vinicius Valentino

Exposições

Caetana Nestorov, Julia
Deccache, Julliana Santos,
Camilla Campos, Guilherme
Venancio, Lorena Pena,
Rafael Carreira e Nathalia
Simonetti

Laboratório de Atividades do Amanhã

Milena Godolphim, Cleyton
Santana, Ruama Duarte
e Yasmin Souza

Museologia

Tatiana Paz, Camilla
Brito, Fabiana Motta
e Kelly Vilela

Operações e Facilities

Valéria Ferro, Camila
Pires, Diogo Freire, André
Barbosa, Adriano da Matta,
Alexandre Souto, Alexsandro
Gomes, Amilton Alves,
Barbara Vieira, Camila
Fraga, Cristiano Suassuna,
Ezequiel Ferreira, Fernando

Fernandes, Itamar Ferreira,
Ivan Carlos Carvalho, Jefton
Araujo, José Petrucio Júnior,
Luciano Rosa, Luiz Mello,
Marco Aurélio Gama, Marlon
Vidal, Patrick Melo, Paulo
Henrique Siqueira, Ramon
Ramires, Silas
da Silva e Wellington
dos Santos

Programação e Conteúdo
Darlan dos Santos
e Natália Aiello

Projetos
Vitor Costa

Tecnologia da Informação
Luiz Lima, Antonio Abrão,
Ana Barth, Acácio Anibal,
Bruno Lima, Edson Castro,
Gutemberg Fonseca,
João Castro, Kamilla Klen,
Lyslanne Goulart, Ramon
Oliveira e Vanderson Vieira

OCEANO
OCEANO
OCEANO

O MUNDO É UM ARQUIPÉLAGO